O PUDOR É A FORMA MAIS INTELIGENTE DE PERVERSÃO: ABUSO DE DROGAS, CHEMSEX E VIOLÊNCIAS HOMOAFETIVAS

MODESTY IS THE MOST INTELLIGENT FORM OF PERVERSION: DRUG ABUSE, CHEMSEX AND HOMOAFFECTIVE VIOLENCE

Icaro Machado Ribeiro[1]
Leonardo Rogério Vieira[2]

Resumo: este ensaio analisa o conceito de pudor sob uma perspectiva psicanalítica, compreendendo-o como um mecanismo de defesa que regula e reprime impulsos sexuais. Frequentemente entendido como uma restrição moral, o pudor pode paradoxalmente ocultar ou favorecer o surgimento de formas mais complexas de perversão, como o uso abusivo de substâncias, o chemsex (uso de drogas durante o sexo) e a violência em relações homossexuais, evidenciando uma relação entre repressão e comportamentos extremos. A partir das contribuições de Sigmund Freud, argumenta-se que o pudor funciona como um "guardião" da psique, regulando o desejo e promovendo a conformidade social, e o uso dessas substancias em contexto sexual, principalmente, busca o afrouxamento/repressão desse guardião. Como metodologia, foram analisadas produções audiovisuais, como a série Baby Reindeer (Netflix), artigos e estudos de caso, bem como um estudo netnográfico no Grindr, aplicativo de encontros entre homens. Além disso, foram realizadas entrevistas de perfil com homens gays, compondo uma narrativa ancorada também em um estudo etnográfico em espaços de sociabilidade sexual, como a boate Kit Kat Club, em Berlim – especificamente durante a festa techno de fetiche Piep Show – e os bares de cruising L'Uomo e The Hole, ambos cidade do Porto. A análise considera ainda aspectos da neurobiologia do prazer, com destaque para o papel da dopamina na flexibilização temporária de normas morais, permitindo a emergência de desejos reprimidos. Assim, defende-se que o pudor, apesar de sua função repressiva, é uma estrutura culturalmente moldada e flexível, cuja suspensão momentânea revela a complexidade da sexualidade humana e seus desdobramentos psíquicos e sociais.
Palavras-chave: pudor; homens gays; neurobiologia do prazer; chemsex; repressão sexual.

Abstract: this essay analyzes the concept of modesty from a psychoanalytic perspective, understanding it as a defense mechanism that regulates and represses sexual impulses. Often understood as a moral restriction, modesty can paradoxically conceal or encourage the emergence of more complex forms of perversion, such as substance abuse, chemsex (drug use during sex), and violence in homosexual relationships, highlighting a relationship between repression and extreme behaviors. Based on the contributions of Sigmund Freud, it is argued that modesty functions as a "guardian" of the psyche, regulating desire and promoting social conformity, and the use of these substances in a sexual context, primarily, seeks to loosen or repress this guardian. The methodology used here includes audiovisual productions, such as the series Baby Reindeer (Netflix), articles and case studies, as well as a netnographic study on Grindr, a dating app for men. Furthermore, profile interviews were conducted with gay men, composing a narrative also anchored in an ethnographic study of sexually sociable spaces, such as the Kit Kat Club in Berlin—specifically during the Piep Show fetish techno party—and the cruising bars L'Uomo and The Hole, both in Porto. The analysis also considers aspects of the neurobiology of pleasure, highlighting the role of dopamine in the temporary relaxation of moral norms, allowing the emergence of repressed desires. Thus, it is argued that modesty, despite its repressive function, is a culturally shaped and flexible structure, whose momentary suspension reveals the complexity of human sexuality and its psychic and social consequences.
Keywords: modesty; gay men; neurobiology of pleasure; chemsex; sexual repression.

[1] Jornalista (International Federations of Journalists), pesquisador, autor do livro de crónicas Criança Viada (2021) e de ensaios como "A Metamorfose da Identidade: Corpos Trans na Encruzilhada da Moda e da Aceitação"; "A contradição da explicitação: o consumo do masculino enquanto objeto de desejo homossexual numa sociedade machista-homofóbica", "Literatura Viada: Histórias para Contar aos Adultos" e outros.
[2] Graduado em Ciências Biológica (Licenciatura) pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Possui Mestrado em Bioquímica pela UFC e possui Doutorado em Bioquímica também pela UFC.

1 A FORMA MAIS INTELIGENTE DE PERVERSÃO: UMA INTRODUÇÃO SEM AMARRAS

O pudor, na maioria das vezes associado à vergonha e à repressão, é uma construção psíquica complexa que tem intrigado estudiosos antes mesmo da concepção do método psicanalista. Entretanto, foi Sigmund Freud um dos primeiros a identificar o papel fundamental do pudor como um mecanismo de defesa na formação social e psicossexual dos indivíduos ao agir na repressão dos impulsos sexuais, regularizando as normas sociais que moldam profundamente o desenvolvimento da psique humana. "O pudor, o asco, a moral e o ideal estético se desenvolveram paralelamente com o afastamento progressivo dos impulsos sexuais da consciência" (Freud, 2016, p. 41).

Numa sociedade onde os (bons)costumes e as tradições frequentemente ditam os limites entre o que pode ser considerado moral e imoral, o pudor assume esse papel paradoxal: ao mesmo tempo que protege o indivíduo do desconforto social, também reprime desejos considerados inaceitáveis, criando um ambiente propício para a perversão. Nesta tessitura textual ensaística, se pretende explorar essa ambivalência, refletindo sobre como o pudor se torna uma forma “inteligente” de perversão ao regular, mas também incentivar a busca por gratificações reprimidas.

Ao longo do tempo, a repressão sexual foi um tema amplamente discutido nas sociedades ocidentais, onde o pudor foi frequentemente usado como uma ferramenta de controle, especialmente sobre a sexualidade feminina e das minorias sexuais. Mesmo que este seja um agente dominantemente da psique humana, é imprescindível entender que o pudor está longe de ser um fenômeno puramente individual, sendo estruturado, principalmente, em conceitos e ideias moldadas pelas normas culturais — as construções sociais — e, indispensavelmente, pela moralidade religiosa. Todas essas normas que determinam o que é aceitável ou inaceitável são, essencialmente, estruturadas por valores machistas-patriarcais que buscam manter um controle rígido sobre os corpos e desejos que não sejam aqueles manifestados por homens-brancos-cisgéneros.

Além da misoginia, esse controle é particularmente evidente no campo das sexualidades não normativas, como a homoafetividade, que por muito tempo foi relegada ao campo do proibido e do perverso. Portanto, essa tessitura também explora algumas dessas dinâmicas contemporâneas de repressões e gozo, como festas fetichistas e o uso de substâncias psicoativas, que criam condições para a suspensão temporária do pudor, consentindo que os indivíduos explorem suas sexualidades de forma mais livre. Essas práticas, vistas de uma perspectiva psicanalítica, revelam uma interação intrigante entre desejo, repressão e prazer.

O aumento nos níveis de dopamina, induzido pelo uso de drogas como MDMA ou GHB, por exemplo, associados a ambientes onde as normas morais são afrouxadas, propiciam um estado de euforia e liberdade que permite a exploração de desejos reprimidos. Assim, o

pudor, que em situações normalizadas atua como um "guardião" psíquico, é suprimido, e os indivíduos experimentam uma liberação catártica de energia psíquica. A articulação entre pudor e perversão, então, levanta importantes questões sobre o papel das normas sociais na regulação dos comportamentos sexuais. Em uma sociedade onde as normas de comportamento são fluidas e em constante transformação, o pudor pode ser visto tanto como uma forma de controle quanto como um catalisador para a liberação de desejos reprimidos.

Neste ensaio, propõe-se uma reflexão crítica sobre tais dinâmicas e seus efeitos na psique humana, explorando como sentimentos como repressão e transgressão coexistem em um delicado equilíbrio, disputando o domínio da mente de indivíduos presos a questões morais, mas que encontram formas de contornar o próprio eu para experimentar plenamente sua imoralidade.

2 PUDOR: O GRANDE GUARDIÃO DOS DESEJOS REPRIMIDOS É, PARADOXALMENTE, UM REAL FACILITADOR DA PERVERSÃO HUMANA

A literatura, o cinema, as artes performativas e visuais, todas essas manifestações culturais sempre estiveram a cargo, junto com a religião institucionalizada, de ensinar o mundo sobre o amor: a nossa relação com o corpo, o outro além de nós e todo o desejo que envolve essas e tantas outras partes de um todo. Para a escritora norte-americana bell hooks, é justamente o estado de ignorância que dá ao amor um caráter erótico. Segundo a autora "ao aceitar o amor como objeto erótico de poder, regredimos enquanto sociedade coletiva". Logo, ao decidir abraçar o patriarcado como norma — e todo o seu status quo conservador —, a sociedade é obrigada a abandonar ativamente o seu desejo de amar para focar-se em "poder poder" (Han, 2017).

Na obra 'Tudo Sobre o Amor: Novas Perspectivas' (hooks, 1999), bell hooks explica, logo no início do texto, que nós não temos que amar. Escolhemos amar. Para a autora, um padrão que tornou a prática do amor especialmente difícil é com frequência "escolher estar com pessoas emocionalmente feridas, que não estão tão interessadas em ser amorosas, embora desejem ser amadas" (hooks, 1999, p. 47). A autora escreveu isso numa época em que estávamos a conhecer o *IBM Simon*, o primeiro 'celular inteligente', lançado em janeiro de 1999. Mas já se podia sentir o produto do objeto de meta que o outro viria a se tornar para nós. Cada deslize de dedos sobre a tela nos ajuda a escolher dentre as opções disponíveis nos "cardápios digitais" de aplicativos com *Tinder, Grindr e Scruff*.

Para que se compreenda melhor o sentido aqui atribuído ao amor, é importante explicitar que, ao longo deste texto, referimo-nos às relações humanas e todas as suas complexidades, trazendo o amor como uma pulsão de vida (Eros), fugindo totalmente da ideação do amor romântico, mas sem ignorar a sua existência. Diante disso, precisamente

sobre a maneira como lidamos com o prazer, o que faz do pudor a forma mais inteligente de perversão?

"Onde o desejo de poder é primordial, o amor estará ausente" (Carl Jung). O dicionário de *Oxford* define "pudor" como um substantivo masculino que se refere a um sentimento de vergonha, timidez ou mal-estar causado por qualquer coisa capaz de ferir a decência, a modéstia ou a inocência. Este mesmo índice também oferece uma segunda definição, apresentando a palavra como um sentimento e/ou atitude desenvolvidos por uma educação rígida [re]calcada por conceitos culturais muitas das vezes de base religiosa que, por exemplo, impedem que certas partes do corpo sejam expostas com naturalidade sem constrangimento.

Para Sigmund Freud, pai da psicanálise, e o 'autor-base' que sempre uso em minhas "reflexões" acerca do corpo-sujeito e das suas sexualidades, o conceito de pudor está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento social, psicossexual e às dinâmicas do inconsciente. "O sentimento de culpa, a vergonha e o pudor são formas variadas do mal-estar gerado pelo superego" (Freud, 2011, p. 93). É importante perceber que amor, assim como o pudor, também está interligado às esferas humanas: sociabilidade e prazer; mas acima disso, ao sentimento de poder investido pelo sistema capitalista que promove o aliciamento dos indivíduos. Freud afirma que o pudor surge como um mecanismo de defesa, atuando para reprimir desejos e impulsos que a sociedade decidiu serem inaceitáveis, por isso está intricadamente ligado ao processo de civilização (Freud, 2011).

Entre os produtos das indústrias culturais que mais contribuíram para a discussão pública sobre educação sexual e saúde mental entre jovens nos últimos anos, destaco a série *Sex Education* (Netflix, 2019–2023). A produção britânica assume esse papel formativo ao abordar, sem moralismos, questões como consentimento, desejo, identidade de gênero, deficiências, traumas e tabus, oferecendo um conteúdo educativo em meio ao entretenimento. A produção apresenta narrativas múltiplas que tencionam o pudor como estrutura repressora, revelando como ele pode atuar como barreira para a descoberta e a vivência plena da sexualidade, especialmente entre adolescentes.

Dois momentos fundamentais da série exemplificam como o trauma e o desejo se entrelaçam na formação da subjetividade jovem. No episódio em que a personagem Aimee sofre uma importunação sexual dentro de um ônibus (2ª temporada, 3 episódio), *Sex Educatio*n opta por explorar o pós-abuso de forma sensível e contínua: o corpo da personagem entra em estado de vigilância constante, sua rotina é afetada, e o toque se torna ameaçador. Não há exagero ou resolução rápida. A série evidencia que o impacto do trauma é prolongado, silencioso e corporal. A vergonha internalizada, alimentada pelo pudor e pelas narrativas que minimizam o abuso, ganha expressão, abrindo espaço para que outras mulheres também partilhem suas experiências e o sentimento de culpa seja resignado.

Outro momento emblemático é a cena em que a personagem Maeve faz sexo com um rapaz cadeirante (3ª temporada, episódio 4). A narrativa desconstrói a ideia normativa de que o sexo gira em torno da penetração ou da performance genitalizada. Há troca de toques, conversa aberta sobre limites e um prazer construído com afeto, respeito e escuta. Ao visibilizar esse encontro, a série transforma o pudor em ferramenta de aprendizagem: mostra que a sexualidade vai além dos roteiros pornográficos e dos *scripts* sexuais heteronormativos. No episódio, *Sex Education* oferece uma verdadeira aula sobre corporeidade, desejo e empatia, retirando o sexo do lugar do mistério ou do segredo vergonhoso e reinscrevendo-o no campo da comunicação e da reciprocidade.

Ainda, a relação entre os personagens Eric e Adam Groff, filho do diretor da escola, evidencia as formas sutis de violência simbólica que homens gays enfrentam desde a adolescência. O pai de Adam, autoritário e emocionalmente distante, representa a figura do superego social repressor, investido de poder institucional e patriarcal. Essa relação repressiva afeta diretamente o desenvolvimento da identidade de Adam enquanto homem gay, gerando comportamentos violentos, isolamento e negação do próprio desejo. A série evidencia como o pudor imposto pelo pai tenciona a distorção dessa construção de masculinidade e do afeto. Essas cenas e tramas permitem retomar a questão que guiará a próxima seção deste ensaio: seria imoral desejar experiências novas quando tudo ao redor oprime e reprime o desejo?

3 SOMOS BICHOS A APRENDER CONSTANTEMENTE SOBRE EXISTÊNCIA

Desde a infância, passamos por fases em que os nossos desejos e curiosidades sexuais são moldados pelas expectativas e normas sociais culturais vigentes. Durante o Complexo de Édipo, por exemplo, o sentimento de vergonha e pudor é intensificado à medida que a criança aprende a internalizar as proibições parentais sobre a sexualidade. Esse complexo, conceito elaborado por Sigmund Freud que faz essa analogia a tragédia grega Édipo Rei, designa o conjunto de desejos amorosos e hostis que a criança do sexo masculino desenvolve em relação à mãe, frequentemente acompanhados por sentimentos de rivalidade em relação ao pai. No caso das meninas, postula-se a existência de um fenômeno psíquico análogo, direcionado ao pai. Tal dinâmica foi posteriormente nomeada de complexo de Electra, formulação atribuída ao psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung, fundador da psicologia analítica, o qual já citamos mais acima.

Para os meninos, tal complexo também pode ser entendido como um momento-chave 'embrionário' para a idealização do Superego, que se estabelece na psique do indivíduo quando este rompe com o complexo de Édipo, passando agora dar estrutura psíquica as suas referências morais a partir do cruzamento de suas próprias experiências no estado de

vigília[3] com todo o material mnêmico adquirido nos anos iniciais de sua vida. Com a quebra desse complexo, o Superego assume o papel, não somente dessa "gestão de caráter", mas enquanto guardião da moral e bons costumes intrínsecos aos indivíduos e que, possivelmente, o acompanharão por toda uma vida. É ele quem gere as relações externas a psique e do pudor enquanto servente dessa moral (Freud, 2011).

Na problematização de nossa existência humana, no texto O Ego e o Id (2011), o pai da psicanalise fundamenta o modelo estrutural da psique e relaciona os mecanismos de defesa com a repressão dos desejos inconscientes. Na obra, Freud não trata diretamente do pudor, mas ele explica como o ego (Eu)[4] age para reprimir os impulsos do id[5]. O autor argumenta que o pudor é uma manifestação dessa luta interna [incessante] entre o id, que busca a gratificação imediata de impulsos primários, e o Superego[6] (ideal do Eu), que incorpora essas normas e valores morais da sociedade. Esse conflito de razões e emoções são responsáveis por ministrar a nossa existência psíquica e todas as nossas relações, principalmente as interpessoais. O ego, tentando mediar este conflito, muitas vezes utiliza-se do pudor para manter os desejos reprimidos no inconsciente (Freud, 2011).

Assim, o pudor não é apenas uma expressão de vergonha ou moralidade, mas uma estrutura psíquica complexa que "protege" — numa ótica cívico-social, talvez — o indivíduo de conflitos internos e ansiedades externalizadas. Nessa perspectiva, o pudor é mais do que um sentimento de vergonha, é um guardião da psique ao controlar os fluxos de desejos afim de garantir a conformidade com os ditames sociais em que este indivíduo está inserido. É importante reconhecer que o pudor, enquanto estrutura psíquica e social, é moldado de maneira distinta em diferentes culturas ao redor do mundo. Em algumas sociedades, por exemplo, o luto pode ser representado pelo uso da cor preta, enquanto em outras, essa mesma cor pode simbolizar celebração ou prosperidade. Da mesma forma, normas de moralidade e expressões de pudor variam significativamente entre as culturas existentes, refletindo valores, tradições e convenções sociais específicas. Isso significa dizer que, o que em uma cultura pode ser considerado uma transgressão moral grave, em outra pode ser visto como uma prática aceitável ou até mesmo reverenciada.

Portanto, o pudor, ao atuar como um guardião dessa psique, adaptando-se aos ditames sociais, revela a sua complexidade, mas também uma certa "flexibilidade", sendo profundamente influenciado pelo contexto cultural em que o indivíduo está inserido. Essa diversidade cultural evidencia que as algumas das relações entre moralidade e pudor não são universais, mas sim relativas, e podem impactar as pessoas de formas variadas

3 Freud define estado de vigília quando o indivíduo está em sua consciência, ou seja, quando se estabelece o controle de suas ações, interações e, principalmente, reações ao mundo exterior.

4 A instância mediadora entre o id, o superego e a realidade. Age segundo o princípio da realidade, tentando equilibrar os desejos do id com as exigências morais do superego e as possibilidades do mundo real.

5 Segundo Freud, é a instância inconsciente ligada aos impulsos, desejos e pulsões. É regida pelo princípio do prazer.

6 Representa a internalização das normas sociais, culturais e morais — como uma espécie de "consciência moral". É a instância que julga, censura e impõe a culpa.

dependendo de suas raízes culturais, costumes e valores sociais. Mas também é preciso elucidar que existem muitas 'verdades universais' que estão a cargo de nos podar enquanto indivíduos, ativando o nosso guardião da psique, o pudor.

Perceber essa perspectiva deve nos ajudar a compreender como o comportamento humano é profundamente influenciado por forças inconscientes e, principalmente, pelas normas culturais preexistentes enquanto interventor desse eu *socialis*. Afinal, "a civilização é fruto da repressão", por isso, "quanto maior a nossa adaptação [castração] à civilização, maior a probabilidade de desenvolver neuroses" (Freud, 2011).

4 SAIR DO CONTROLE: É IMORAL QUERER EXPERIENCIAR COISAS NOVAS?

Celebração sexual: é só mais uma mordida de um amor divino. No filme 'Divino amor' (2019), do cineasta pernambucano Gabriel Mascaro, vale tudo para preservar a família e impor uma religião única. Qualquer semelhança com o extremismo contraditório evangélico e na hipocrisia presente na forte ascensão da extrema-direita no mundo não é coincidência. É apenas a arte que imita a vida — e vice-versa! O longa-metragem é uma obra de ficção futurista e, ao mesmo tempo, escatológica. O filme tem o seu início sob a narração de uma criança, numa celebração tipicamente neopentecostal, com direito a luzes, música moderna, dança, além de um ambiente típico de uma rave — seriam delírios de amor? A voz infantil situa o tempo e explica que o carnaval não é mais a festa principal do Brasil, tendo sido substituído por uma festa gospel conhecida como a "festa do amor supremo".

A institucionalização descarada do pudor. O filme é um retrato metafórico de um mundo demasiadamente humano. Aquela realidade crua que o cinema brasileiro carrega consigo com toda a sua maestria. No real, é aquela autoenganação do discurso moral cristão (Nietzsche). Afinal, tudo o que aprendemos sobre a vida nos foi ensinado. E o desejo sempre foi essa bússola norteadora que, segundo o budismo, é o que nos impede de ser felizes.

Em tempos líquidos, como indica o grande filósofo Zygmunt Bauman, as nossas relações se tornam tão fluidas quanto incertas. Bauman descreve a modernidade líquida como uma era onde nada é feito para durar; onde compromissos e certezas são substituídos por transitoriedade e efemeridade. A liberdade de amar sem amarras. Mas não há liberdade sem responsabilidades. O amor líquido, nesse contexto, é uma forma de relação em que o engajamento profundo é frequentemente evitado, substituído por conexões frágeis e temporárias. Ninguém quer sofrer, apenas ferir. Logo, "a nossa confusão em relação ao que queremos dizer quando usamos a palavra amor é a origem da nossa dificuldade de amar" (hooks, 1999, p. 11).

O conceito de liquidez de Bauman destaca como as relações humanas perderam a sua solidez. Tanto amigos como amantes são facilmente descartáveis, e as conexões são mantidas apenas enquanto oferecem algum benefício imediato. "Os relacionamentos são,

por assim dizer, relações de bolso: mantêm-se enquanto servem a um propósito ou trazem satisfação, mas são descartados com facilidade quando se tornam onerosos" (Bauman, 2004, p. 16). A durabilidade das relações, que outrora era um pilar fundamental das relações na sociedade, agora é uma exceção. Essa superficialidade relacional não apenas dilui o sentido de comunidade, mas também contribui para um sentimento crescente de isolamento e insegurança.

Em concordância com essa visão de Bauman sobre as relações contemporâneas, Byung-Chul Han, em "Agonia do Eros" (2017), argumenta que essa liquidez das relações corrói a profundidade emocional e a capacidade de conexão verdadeira ao erotizar as relações onde "a pornografia serve ao mero viver exposto" (Han, 2017, p. 21). Se Bauman afirma que nessa busca incessante por prazer imediato e superficial, perdemos a essência do amor e da intimidade, Han completa dizendo que o Eros (amor), entendido como uma força vital que nos conecta profundamente com o outro, está cada vez mais em declínio.

A nossa sociedade e-contemporânea digital, obcecada com o desempenho e a eficiência, transforma até o amor em um produto de consumo rápido, esvaziando-o de significado e profundidade: "hoje, o amor se positiva em sexualidade (...) sexo é desempenho. *Sexyness* é o capital que precisa ser multiplicado. O corpo, com seu valor expositivo, equipara-se a uma mercadoria" (Han, 2017, p. 26). Ao trazer essa agonia do Eros, o autor destaca a perda da nossa capacidade de contemplação e entrega, bem como a revogação de rituais — elementos essenciais à construção de vínculos verdadeiramente significativos. Em um mundo onde as relações são constantemente negociadas e avaliadas, "o neoliberalismo aciona uma despolitização geral da sociedade onde ele, não por último, substitui Eros por sexualidade e pornografia" (Han, 2017, p. 77).

O psicanalista brasileiro Christian Dunker, em sua obra 'Reinvenção da Intimidade: Políticas do Sofrimento Cotidiano' (2017), nos oferece uma análise perspicaz sobre a forma como a nossa intimidade vem sendo negociada ao ser redefinida no contexto e-contemporâneo digital. Se nos aproximarmos mais das suas perspectivas, essa discussão sobre o desejo e o pudor adquire novas nuances, refletindo também as transformações nas relações interpessoais e nas estruturas sociais.

Dunker argumenta que a intimidade moderna está em constante processo de reinvenção, influenciada, principalmente, por mudanças culturais, tecnológicas e políticas. Ele identifica um deslocamento nas formas de estabelecer e manter conexões íntimas, onde "o sofrimento e o desejo são elementos centrais". A partir dessa visão, podemos examinar como os conceitos de pudor e desejo se manifestam e se reconfiguram nas dinâmicas de intimidade. Para o autor, a superação do sofrimento cotidiano passa pela criação de novas formas de intimidade capazes de reconhecer e integrar, tanto os nossos mais profundos desejos, quanto o nosso pudor.

O psicanalista até defende uma abordagem que valoriza a capacidade de se estar junto e separado, promovendo relações baseadas na reciprocidade, no respeito e na autenticidade. Mas a verdade é que a sociedade está ocupada demais buscando suprir as suas necessidades e desejos mais animalescos, recorrendo a lugares, reagentes químicos e muita falta de controle para catalisar experiências sexuais num mundo imoral de prazeres instantâneos, mas com fortes ressentimentos no final.

5 A NEUROBIOLOGIA DO PRAZER: FESTAS DE FETICHES E O ABUSO DE DROGAS — A DOPAMINA E AS SUAS REAÇÕES PSICOQUÍMICAS NO AFROUXAMENTO DO PUDOR PARA SANAR A FALTA DE AMOR

"Alguém machucou você, não foi?" — a pergunta, feita com uma franqueza quase desarmante pela personagem Martha, ecoa como uma chave narrativa e emocional em *Baby Reindeer* (2024), minissérie criada pelo comediante escocês Richard Gadd e inspirada em sua própria história. Lançada pela *Netflix* e vencedora de cinco prêmios *Emmy* — incluindo o de melhor roteiro em minissérie —, a obra se constrói como uma forma extrema de exposição e terapia, mas também como um testemunho cru das cicatrizes deixadas pelo abuso sexual.

O impacto da série não está apenas na temática que aborda, mas na maneira visceral como a dor é encenada. Em um dado momento, uma curva abrupta na narrativa nos conduz diretamente à origem do abismo psicológico que consome Donny. Sem precisar nomear ou romantizar o trauma, a série revela, com precisão desconfortável, a violência que se aloja no silêncio, nos lapsos de memória, nos corpos que se calam para sobreviver.

Paralelamente à história de perseguição que movimenta os episódios iniciais, acompanhamos o cotidiano de Donny em sua luta por reconhecimento no competitivo mundo da comédia, num festival em Edimburgo. É nesse ambiente aparentemente cômico e inofensivo que surge Darrien (vivido pelo ator Tom Goodman-Hill), um escritor da indústria televisiva que oferece ajuda para alavancar sua carreira. O que se revela, no entanto, é uma relação atravessada por manipulação, poder e abuso de drogas.

Darrien, que se apresenta como mentor, é também o agente do trauma. Incitando o uso de drogas e explorando a vulnerabilidade de Donny, ele o agride sexualmente — primeiro de forma silenciosa, enquanto Donny está desmaiado; depois, num estupro explícito que rompe qualquer fronteira de proteção. A dinâmica de poder é tamanha que Donny não sente que pode sair. Preso, dopado e dilacerado, ele continua voltando. Entre as substâncias utilizadas, destaca-se o GHB (gama-hidroxibutírico), droga depressora do sistema nervoso central, tristemente conhecida por seu uso em crimes sexuais por causar sedação extrema e amnésia, depois de potencializar o desejo sexual.

O ácido gama-hidroxibutirato, ou GHB, é uma droga ilegal popularmente usada como uma "droga de festa". A substância produz sentimentos de euforia, relaxamento e

sociabilidade, além de potencializar o desejo sexual. A droga atua como um depressor do sistema nervoso, por isso representa um forte risco de dependência. Um pequeno aumento na dose 'considerada' pode causar efeitos graves ou morte.

O GHB vem de algumas formas, incluindo:

- um líquido incolor, inodoro, amargo ou salgado - vendido em pequenas garrafas ou frascos;
- um líquido de cor azul;
- cristais ou pó (isso é menos comum).

A droga é também conhecida como "*ecstasy* líquido", mas é completamente diferente do ecstasy. Outras reações ao GHB incluem danos corporais graves ou fantasias.

A neurobiologia do prazer e a sua relação com o afrouxamento do pudor em contextos de festas de fetiches e abuso de drogas revelam muito sobre a complexidade do comportamento humano e a busca incessante por gratificação — sentimentos como vergonha e a repulsa que Donny sente por si se espalham por todas as áreas de sua vida. O resto do episódio narra o drástico caminho em direção à imprudência sexual causada pelo transtorno de estresse pós-traumático, colocando-o em perigo várias vezes numa tentativa de neutralizar toda a sua confusão e autodepreciação. Ele nunca mais foi o mesmo.

Como já apresentado neste texto, o conceito de pudor, amplamente explorado na psicanálise freudiana, é uma construção intrincada que funciona como um guardião dos desejos reprimidos, moldando as interações sociais e sexuais. No entanto, existem situações específicas onde o pudor pode ser temporariamente suprimido, permitindo comportamentos que seriam considerados "inaceitáveis" em circunstâncias normais sociais. As festas de fetiches que geralmente promovem o uso dessas substâncias psicoativas são exemplos claros dessas situações onde os indivíduos sentem-se desinibidos, acolhidos pelo lugar propício por isso estão e quimicamente disponíveis para experienciar seus desejos mais profundos sem pudor, medo ou receio de julgamento. Freud chamaria perversões, a sociedade conservadora expurga fetiche: aquilo que você gosta de fazer sem que ninguém veja.

5.1 DOPAMINA: PRAZER, RECOMPENSA E ANGÚSTIA

A dopamina é um neurotransmissor produzido no encéfalo que atua em diversas funções do corpo humano, incluindo a regulação do sistema de recompensa e motivação prazerosas do cérebro. Esse mecanismo, do ponto de vista evolutivo, é vital para a sobrevivência, pois incentiva comportamentos como comer, beber, competir para sobreviver e se reproduzir. Pesquisas indicam que a dopamina no corpo aumenta em resposta a experiências prazerosas, como comida, sexo e drogas. Contudo, em contextos sociais e

e culturais específicos, a busca pelo prazer pode assumir formas mais extremas e hedonistas, como observado nas festas de fetiches e no uso de substâncias psicoativas.

Essas festas são eventos onde as normas sociais convencionais são temporariamente suspensas, permitindo uma exploração mais livre da sexualidade. Em tais ambientes, caracterizados por práticas sexuais não convencionais e a exploração de fetiches, cria-se um espaço onde os participantes podem experimentar uma intensa liberação de dopamina. Estudos científicos sugerem que altos níveis de dopamina causam euforia e excitação sexual intensa (Lembke, 2022).

Pervertidos. Além da excitação sexual, o afrouxamento do pudor nestes eventos tem um componente psicológico relevante. A permissão explícita ou implícita para transgredir normas sociais e morais gera uma sensação de euforia e liberdade, amplificada pela química cerebral. Esse fenômeno pode ser entendido à luz da teoria freudiana, segundo a qual a transgressão das proibições internalizadas pelo superego resulta em uma liberação catártica de energia psíquica, manifestada como prazer. O uso de drogas, como o *MDMA/ecstasy* (3,4-metilenodioximetanfetamina) e a cocaína, é comum em festas de fetiches e outros contextos de exploração sexual, principalmente entre homens. Essas drogas têm um impacto direto no sistema dopaminérgico, aumentando drasticamente os níveis de dopamina no cérebro. Ambas as substâncias são conhecidas por induzir o acúmulo de altas quantidades de dopamina, criando sensações intensas de euforia, empatia e conexão social.

É importante entender que a combinação de drogas e contextos fetichistas cria um ambiente neuroquímico propício para a suspensão do pudor. Com níveis elevados de dopamina, a capacidade do superego de reprimir desejos e impulsos é significativamente reduzida, levando a comportamentos que seriam inibidos em condições normais. Isso permite uma expressão mais livre e muitas vezes mais extrema da sexualidade. O afrouxamento do pudor em contextos de festas de fetiches e uso de drogas pode ser explicado pela interação complexa entre neurobiologia e psicodinâmica.

A liberação massiva de dopamina induzida por estímulos sexuais e drogas não apenas amplifica o prazer, mas também diminui a capacidade do cérebro de manter inibições morais e sociais. Estudos mostram que altos níveis de dopamina podem prejudicar o funcionamento do córtex pré-frontal, a região do cérebro responsável pelo controle executivo e pela tomada de decisões. Além disso, a experiência de prazer extremo e a quebra das inibições podem criar um efeito de retroalimentação positiva. O prazer intenso reforça o comportamento, criando um ciclo onde a busca por experiências cada vez mais extremas se torna um objetivo em si. Esse ciclo é característico de padrões de comportamento aditivo, onde o sistema de recompensa do cérebro é reprogramado para priorizar a busca por prazer imediato sobre as considerações morais e sociais.

Freud argumentou que a repressão dos desejos sexuais é uma fonte de sofrimento psíquico e que a liberação desses desejos, mesmo que temporária, pode proporcionar um

alívio catártico. Esse alívio, mediado pela liberação de dopamina e a suspensão temporária do superego, é observável em festas de fetiches e no uso de drogas. Do ponto de vista neurobiológico, a interação entre os sistemas de recompensa e as inibições sociais internalizadas cria um espaço onde a expressão sexual pode ser explorada de maneira mais aberta e menos restrita.

6 BERLIM: UMA CIDADE PARA SE ACHAR PERDIDO - MAIS QUE UM ESTADO DE ESPÍRITO, UM GRITO DE LIBERTINAGEM

Há muitas histórias que cercam a cidade de Berlim. Conhecida como a capital mundial do techno, é um epicentro vibrante onde a música eletrônica, a liberdade sexual e o uso de drogas convergem de maneira única e legalizada. Mas a capital da Alemanha não é apenas um destino para os amantes do techno; a cidade é muito famosa por sua cultura de festas de fetiches, onde a sexualidade é entorpecida para ser explorada de forma aberta e sem julgamentos.

Essa atmosfera permissiva, profundamente enraizada na história pós-guerra de Berlim, onde a cidade se reconstruiu como um símbolo de liberdade e experimentação, oferece um espaço onde o pudor é significativamente afrouxado, criando um ambiente propício para a liberação de impulsos reprimidos. É uma cidade para ser. Por isso, não se assuste ao cruzar com situações moralmente “estranhas” pelas ruas de Berlim. A sexualidade é investida e os corpos se manifestam como desejam ser vistos: objetos de desejo, fascínio e poder. Estamos falando de uma liberdade sexual sem precedentes.

A cena noturna de Berlim, com seus inúmeros clubes icônicos como o *Berghain* e o *KitKat Club*, exemplifica essa fusão de música, sexo e substâncias psicoativas, onde as normativas sociais tradicionais são suspensas, permitindo uma experimentação mais livre da identidade e dos desejos. Esse cenário *berliner* ilustra como o contexto cultural e social pode intensificar as respostas neurobiológicas ao prazer. As festas de fetiches, por exemplo, não são apenas eventos hedonistas, mas também espaços onde os participantes experimentam uma dissolução temporária das barreiras entre o eu e o outro, intensificada pela química cerebral alterada e embalada por uma explosão de sons que emanam cargas energéticas em suas batidas thechno.

Estive em Berlim algumas vezes. O bastante para sentir toda essa energia que a cidade emana nas ruas, transportes, bares, saunas, parques de *cruising*, boates e clubes noturnos. Dentro das experiências mais atravessadoras que se pode ter na esfera sexualidade, químicos e prazer, a festa *PiepShow*[7] — que se descreve como: a *rave techno queer* mais feliz e colorida de Berlim para todos que adoram dançar com tolerância — parece ser bem completa. A festa acontece sempre na última sexta-feira de cada mês, no famoso *Kit Kat Club* — que ficou famoso no *Tik Tok* por suas filas gigantescas que duram horas para

[7] https://www.instagram.com/piepshow_berlin/

acabar[8]. Com um *dress code* obrigatório e o uso de *smartphone* proibido, a *PiepShow* reúne centenas de pessoas numa megaestrutura de mais de dez ambientes e cinco andares, para festejar o fetiche. Doces são espalhados por todos os cômodos e há muitos seguranças que estão sempre à espreita para proteger as pessoas delas mesmos. É um lugar seguro para perder o controle, mas sempre respeitando o outro.

A música *techno*, com suas batidas hipnóticas, atua como um gatilho para a liberação de dopamina, sincronizando-se com o consumo de drogas, tornando as práticas sexuais ainda mais intensas. A combinação desses elementos cria uma espécie de "ritual moderno" onde a euforia e a transgressão alimentam-se mutuamente. A festa é um culto ao deus Baco nos moldes de Calígula, o depravado. Nesse ambiente, a dopamina desempenha um papel crucial, não só potencializando o prazer, mas diminuindo exponencialmente as suas inibições, permitindo que comportamentos normalmente contidos emergem. Em Berlim, a neurobiologia do prazer é amplificada por um contexto cultural que celebra a transgressão, tornando a cidade um laboratório vivo para a exploração das fronteiras do desejo humano.

A complexa interação entre pudor e perversão, mediada pela neurobiologia do prazer, revela muito sobre a condição humana e nossa incessante busca por gratificação. Festas de fetiches e o uso de drogas exemplificam como contextos sociais e culturais específicos podem criar espaços onde as normas e inibições são suspensas, permitindo uma exploração mais livre da sexualidade. A dopamina, como neurotransmissor central do sistema de recompensa, desempenha um papel crucial na mediação desses comportamentos, demonstrando como nossos desejos mais profundos podem ser tanto fonte de prazer quanto de potencial autodestruição.

Compreender a neurobiologia do prazer e suas implicações psíquicas é essencial para uma visão mais holística da sexualidade humana, onde o pudor e a perversão coexistem em um equilíbrio delicado, constantemente influenciado por nossas interações sociais e químicas cerebrais. A suspensão do pudor em contextos específicos permite uma expressão sexual mais livre, mas também pode levar a consequências negativas, como comportamentos de risco e dependências. Portanto, é crucial reconhecer a complexidade dessas interações para entender plenamente a mente humana e suas diversas manifestações de prazer e repressão.

Assim, um estudo mais aprofundado acerca desse “afrouxamento do pudor” através da neurobiologia do prazer vivenciadas em festas de fetiches agitadas por músicas techno e pelo uso abusivo de químicos poderia nos oferecer novas janelas para explorar os mais profundos e conflituosos desejos que definem a nossa existência. A busca incessante por prazer e a suspensão das inibições podem levar a comportamentos de risco, vícios e uma maior vulnerabilidade psicológica. A literatura científica aponta que o uso crônico de drogas pode levar à disfunção dopaminérgica, resultando em uma diminuição da capacidade de

[8] A *trend* das filas com milhares de pessoas fantasiadas está em alta nas redes sociais. Todos fantasiados com roupas fetichiosas, à espera de uma oportunidade de extravasar.

experimentar prazer naturalmente, um fenômeno conhecido como "anedonia". Esses estudos também levam em consideração o consumo de pornografia como obtenção de prazer e realização de fetiches.

Dados da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) apontam que o consumo de pornografia pode estar associado a várias alterações negativas na saúde e sexualidade humanas, desde problemas nas relações pessoais, depressão e falta de motivação, às disfunções sexuais e orgásmicas, perda de interesse sexual num parceiro real e perda de interesse no parceiro romântico.A ABP explica que o vício em pornografia é causado pelo mesmo mecanismo que leva à dependência de drogas e álcool. No entanto, o diagnóstico e tratamento do consumo excessivo de pornografia são mais difíceis e dependem do suporte familiar para o sucesso da recuperação.

Perceba, o uso de drogas nessas festas de fetiches torna a nossa fantasia pornográfica real. Assim como as dependências digitais têm capturado as nossas perversões e sanado esse nosso desejo sexual — tornando as nossas investidas sexuais cada vez mais latentes, levando-nos a extrapolar os nossos limites —, o abuso de drogas e a falta de informação tem levado muitos jovens a ingerir combinações perigosas. Os efeitos são tão entorpecentes, que eu já presenciei em festas de *chemsex*, homens saudáveis de 24 anos tomando Viagra para “levantar o astral” por estar tão “livres de seus pudores”. O coquetel de ácidos e químicos faz efeito e, na pior das hipóteses, pode culminar numa overdose de prazer.

7 *CHEMSEX*: UM AFROUXAMENTO DO PUDOR – UM PRAZER SEM LIMITES

Em 10 de abril de 2025, o jornal espanhol *El País* publicou o artigo “*El abuso invisibilizado de ‘chemsex’: “Es relacionarse al borde del abismo*”. Nele, a jornalista Jessica Mouzo analisa uma série de dados de estudos científicos que explicam porque a prática deve ser considerada perigosa.

Segundo a jornalista, o fenômeno conhecido como *chemsex* refere-se ao uso intencional de substâncias psicoativas com o objetivo de prolongar e intensificar a experiência sexual, sendo mais comumente observado entre homens que fazem sexo com outros homens (HSH). Para deixar mais claro, trata-se de uma prática que combina elementos de prazer e risco, pois envolve tanto o consumo de drogas com alto potencial de dependência, quanto o perigo de uma maior exposição às infecções sexualmente transmissíveis (IST), devido a falta de controle e, muitas vezes, a perda dos sentidos de autocuidado e limites.

Entre as substâncias mais associadas à prática do *chemsex* estão a metanfetamina, o GHB (popularmente conhecido como "*ecstasy* líquido"), a cocaína e a mefedrona. Essas drogas, além de seus efeitos imediatos, contribuem para a construção de uma dependência

não apenas química, mas também simbólica, na medida em que dificultam o estabelecimento de vínculos e práticas sexuais desvinculadas do consumo. Em centros comunitários e serviços de saúde especializados, tem-se observado um aumento nos relatos de indivíduos que não conseguem manter relações sexuais satisfatórias sem o uso dessas substâncias, o que evidencia a complexidade do fenômeno e a urgência de intervenções específicas.

Embora uma parcela significativa dos praticantes ouvidos durante as entrevistas relatam fazê-lo de forma pontual e recreativa, sem impacto negativo imediato em suas rotinas, cada vez mais dados indicam uma tendência crescente e preocupante no número de casos em que o uso se torna problemático.

Há muitos estudos científicos que analisam dados a partir de relatos de pacientes, lançando o olhar sobre algumas das situações extremas associadas ao consumo problemático no contexto do chemsex. Em 2017, o estudo britânico "*An observed rise in γ-hydroxybutyrate-associated deaths in London: Evidence to suggest a possible link with concomitant rise in chemsex*", da Unidade de Toxicologia, *Imperial College London*, no Reino Unido, alertava para o aumento das mortes por overdose de GHB. Segundo o estudo, grande parte do aumento de mortes no contexto da droga, ocorre em contexto dessa prática prevalente entre homens que transam com outros homens (HSH), na prática do chemsex. O estudo revelou:

> um total de 61 mortes associadas ao GHB (0,92% do total de casos), 184 mortes associadas à cocaína (2,8% do total de casos) e 83 mortes associadas a MDMA (1,3% do total de casos) foram identificadas. Houve um aumento de 119% na proporção de mortes associadas ao GHB detectadas em 2015 em comparação com 2014. No mesmo período, houve um aumento de 25% nas mortes associadas à cocaína e uma diminuição de 10% nas mortes associadas ao MDMA (Hockenhull, Murphy, Paterson, 2017).

Esses dados foram obtidos pelo estudo a partir de análises toxicológicas retrospectivas de 6.633 casos conduzidas pelo *Toxicology Unit do Imperial College London*, abrangendo sete das oito jurisdições de legistas em Londres entre janeiro de 2011 e dezembro de 2015.

Em meados de 2021, o estudo de caso intitulado "*Chemsex/slamsex-related intoxications: A case report involving gamma-hydroxybutyrate (GHB) and 3-methylmethcathinone (3-MMC) and a review of the literature*", realizado por pesquisadores ligados ao Serviço de Fármaco-Toxicologia e Farmacovigilância do Centro Hospitalar Universitário *Angers*, na França, e publicado na revista *Forensic Science International*, registrou 13 casos de intoxicação relacionados a esse fenômeno, dos quais seis resultaram em desfechos fatais. Dentro os casos,

> Um homem de 31 anos sem histórico médico específico foi internado no departamento de emergência por comprometimento grave da consciência após a administração de substâncias psicoativas durante uma festa de chemsex. Ao chegar, sua Escala de Coma de Glasgow estava em 3/15 e sua temperatura corporal estava abaixo de 35 °C (hipotermia). As pupilas eram de largura regular e normalmente reagiam à luz. O restante do exame clínico não encontrou mais particularidades. Seu eletrocardiograma foi normal (Drevin, 2021).

O uso problemático de substâncias no contexto do *chemsex* constitui um fenômeno multifatorial e dinâmico, no qual se entrelaçam condições individuais e determinantes sociais. Diversos fatores de risco têm sido identificados como predisponentes a esse tipo de prática, dentre os quais se destacam experiências traumáticas prévias, como abusos na infância e/ou relações abusivas, a ausência de redes de apoio social — sendo os sujeitos migrantes particularmente vulneráveis —, bem como a presença de transtornos mentais anteriores ao início do consumo. Soma-se a isso a natureza das substâncias utilizadas, algumas das quais apresentam alto potencial de dependência, além da via de administração adotada: o uso injetável (*slamming*), por exemplo, está associado a riscos significativamente mais elevados à saúde física e mental.

Nesse cenário, observa-se a emergência de um contingente expressivo de indivíduos que desenvolvem padrões de consumo abusivo, ainda que a dimensão quantitativa dessa população seja de difícil mensuração. Esses sujeitos, em sua maioria, permanecem à margem das políticas públicas de saúde e encontram carência de abordagens que considerem adequadamente suas vivências sexoafetivas, marcadas por estigmas e vulnerabilidades históricas, especialmente no caso de populações LGBTQIAP+.

As repercussões d o uso desregulado de substâncias no contexto do *chemsex* manifestam-se em múltiplas esferas da vida dos indivíduos, desde prejuízos significativos nas relações interpessoais até o desenvolvimento de quadros severos de sofrimento psíquico. Entre os efeitos mais recorrentes estão sintomas de depressão, ansiedade, episódios psicóticos e estados paranoides. Em situações-limite, há relatos de mortes associadas à overdose ou ao suicídio. A ausência de políticas públicas eficazes e integradas tem sido objeto de críticas por parte de diversos setores da sociedade civil, que denunciam a invisibilização da problemática e a carência de estratégias intersetoriais de enfrentamento que articulem saúde, educação, assistência social e garantia de direitos.

8 O ABUSO DE DROGAS TAMBÉM É SOBRE O IMPACTO DA HOMOFOBIA NUMA SOCIEDADE MACHISTA-PATRIARCAL HIPÓCRITA

O uso de drogas em contextos sexuais entre homens gays, por exemplo, emerge como uma estratégia para a suspensão temporária desse pudor inerente. Este comportamento não

deve ser entendido apenas como um hedonismo desenfreado, mas como uma resposta real e prática a um complexo cenário de repressão social e internalização de normas morais que visam controlar a expressão do desejo: a nossa sociedade machista que consome o corpo masculino como objeto de prazer e luxúria sempre culpabilizando este consumidor.

A psicanálise nos ensina que o pudor funciona como um guardião psíquico, reprimindo impulsos que não são aceitos pela sociedade. No entanto, em contextos específicos, como festas de fetiche ou encontros sexuais facilitados pelo uso de substâncias psicoativas, há uma ruptura dessa vigilância interna, promovendo um afrouxamento desse pudor moral.

A neurobiologia do prazer, particularmente o papel da dopamina, revela que essas práticas não são apenas mecanismos de liberação de desejo, mas respostas biológicas a uma repressão contínua. O uso de drogas como o GHB, ao "afrouxar" o pudor, facilita essa vivência sexual reprimida, mesmo que temporariamente, permitindo que o indivíduo transgrida as normas sociais que normalmente governam o seu id e que são fortemente lembradas pelo superego, quando não manipuladas pelo ego enquanto mediador entre os conflitos que afetam o id.

Este fenômeno reflete nessa busca por liberdade sexual, na tentativa de se romper com as amarras do superego que, conforme Freud apontou, é construído a partir das experiências e normas internalizadas desde a infância. Mas como tudo na vida, essa liberação vem com um preço. A dissolução temporária do pudor pode levar à exposição a riscos significativos, tanto físicos quanto psicológicos, gerando um ciclo onde o prazer imediato é seguido por sentimentos de culpa, vergonha e até mesmo trauma. E este ciclo se alimenta dessa necessidade de repetição do comportamento, criando uma dependência, não apenas das substâncias, mas da própria sensação de [falsa] liberdade que elas proporcionam.

8.1 SESSÕES DE CHEMSEX: RELATOS DE ENCONTROS NO GRINDR

A cartilha, Terá Sido Abuso? Guia Para Homens que Têm Sexo com Homens (2022), apresenta questões pertinentes para a discussão dessa temática. Produzida pela associação portuguesa, Quebrar o Silêncio[9], que presta apoio especializado a homens e rapazes sobreviventes de violência e abuso sexual, o documento informativo apresenta algumas situações onde o abuso de drogas podem incitar situação de abuso sexual, uma delas em festas e encontros *Chemsex*.

No documento, a prática do *chemsex* é definida como o consumo de certas substâncias psicoativas (principalmente GHB/GBL, metanfetamina e mefedrona) durante encontros e festas sexuais organizadas, muitas vezes, através de aplicativos como *Grindr*. O uso dessas

9 https://www.quebrarosilencio.pt/

substâncias está associado a efeitos como desinibição, euforia, excitação sexual, alteração da percepção e lapsos ou perda de memória, o que pode aumentar significativamente o risco de violência sexual. Essa prática é relativamente comum entre alguns homens que fazem sexo com homens (HSH). Contudo, o risco de violência sexual no contexto do *Chemsex* é uma realidade que muitos dos praticantes podem desconhecer ou até subestimar. Muito porque as relações sexuais entre homens tendem a ser, culturalmente, violentas.

De acordo com uma pesquisa do Gay *Star News* realizada em 2017, um em cada dez participantes relatou já ter sido vítima de abuso sexual durante sessões de *Chemsex*[10]. Os dados foram colhidos pela Gay *Star News* e em parceria com o aplicativo *Blued* e contou com 1117 pessoas. O estudo conclui que quase 1 em cada 4 (23%) daqueles que se envolvem em *chemsex* conhecem alguém que morreu após um "*chillout*", enquanto o mesmo número (23%) diz que eles próprios já tiveram uma overdose em "G". Quase dois terços (60%) relataram ansiedade ou depressão como resultado de uma sessão de chemsex. Dos homens participantes, 91% identificaram-se como homossexuais, 6% como bissexuais. 95% eram cisgêneros e havia um grande número vivendo em Londres, onde o problema emergente tem sido amplamente divulgado nos últimos anos.

Na esfera de abusos sexuais durante o uso de drogas nesses contextos, a vitimação pode ser ainda maior do que se pensa, já que o reconhecimento dos abusos é dificultado pelo estigma social, ideias estereotipadas sobre homossexualidade e homens que fazem sexo com homens, além do julgamento moral e a condenação dessas práticas sexuais. São consideradas situações de violência sexual em contexto de *chemsex* quando uma das partes envolvidas: continua as práticas sexuais quando o outro está inconsciente ou incapaz de manter o consentimento; força ou coage o outro para práticas sexuais não consentidas ou não acordadas previamente; cometem *stealth*, que é a remoção do preservativo sem conhecimento ou consentimento do outro.

8.2 OS HOMENS VITIMADOS NO CONTEXTO DE CHEMSEX PODEM

• Ficar em silêncio e se autoculpabilizar porque tomaram a iniciativa de participar na sessão, adquiriram e consumiram substâncias psicoativas;

• Experienciar momentos de *blackout*, perda parcial ou total de memória relativamente ao que aconteceu. Como citamos no caso da minissérie *Baby Reindeer* (*Netflix*).

9 CONSIDERAÇÕES: FELICIDADE CLANDESTINA

Essa tessitura não pretende obter uma resposta eficaz para uma questão tão complexa, mas trazer esse assunto à luz já é uma boa solução dialética. A análise aqui

10 Chemsex in Lisbon? Self-reflexivity to uncover the scene and discuss the creation of community-led harm reduction responses targeting chemsex practitioners. Disponível em https://ciencia.ucp.pt/en/publications/chemsex-in-lisbon-self-reflexivity-to-uncover-the-scene-and-discu

desenvolvida sugere que a relação entre o pudor e o uso de drogas em contextos sexuais é, acima de tudo, multifacetada. Ao mesmo tempo em que permite uma expressão mais plena do desejo, ela expõe as fragilidades e contradições inerentes à condição humana, especialmente em uma sociedade que ainda lida de forma ambígua com as suas sexualidades.

Contudo, essa observação deve servir para que se possa abrir cada vez mais espaço para essas reflexões acerca da nossa necessidade em compreender melhor essa estrutura psíquica de repressão e todos estes supostos mecanismos de liberação do desejo: como eles podem ser abordados de forma mais saudável, sem recorrer a meios que, em última análise, podem ser tão destrutivos quanto libertadores.

O pudor, entendido como um mecanismo de defesa psíquica que regula os impulsos sexuais, pode ser visto como uma das formas mais sofisticadas de perversão, justamente por sua capacidade de ocultar e reprimir desejos que, quando liberados, frequentemente se manifestam de forma intensa e até transgressiva. A ideia de que "o pudor é a forma mais inteligente de perversão" sugere que a repressão dos impulsos sexuais e emocionais pode criar uma tensão interna tão forte que, quando rompida, leva a comportamentos extremos, como o abuso de drogas, festas *chemsex* e a violências homoafetivas.

No contexto de homens gays, onde muitas vezes há uma luta com as pressões sociais e culturais para se conformar a normas heteronormativas, o pudor pode atuar como uma máscara para desejos profundos e intensos. Essa repressão não só dificulta a expressão saudável da sexualidade, mas também pode criar um ambiente propício para que esses desejos se manifestem de maneira distorcida e autodestrutiva. O abuso de substâncias e o *chemsex* são exemplos claros disso, onde a liberação temporária dos impulsos reprimidos ocorre em um contexto de anestesia emocional, potencializado pela dopamina e outras substâncias químicas que alteram o estado de consciência.

Além disso, a violência nas relações homoafetivas pode surgir dessa mesma dinâmica, onde os sentimentos de vergonha, repressão e frustração gerados pelo pudor não expressado de maneira saudável acabam por se transformar em comportamentos agressivos ou destrutivos. Nesse sentido, o pudor, ao invés de servir apenas como um regulador moral, age também como um fomentador de comportamentos perversos, justamente por sua capacidade de acumular e distorcer os desejos reprimidos.

A complexidade da relação entre pudor e perversão se revela na forma como essa suposta "proteção" da psique pode, paradoxalmente, levar à desintegração dos limites morais e sociais quando se encontra em contextos que facilitam a suspensão temporária da repressão, como o uso de drogas ou festas fetichistas. Isso nos leva a refletir sobre como estruturas capitalistas-patriarcais seguem criando mecanismos de violências. Respondendo à máxima dessa discussão, o pudor e a perversão são como *yin-yang* da sexualidade humana. Freud defende que a tensão entre esses dois elementos é responsável por moldar a

nossa psique, influenciando diretamente os nossos comportamentos e, principalmente, corroborando para o surgimento de neuroses. O curioso é que ambos são fundamentais para se entender a mente humana e toda a sua complexidade em existir.

O futuro digital nos trouxe a esta impactante reinvenção da intimidade. Por isso, tome fôlego. Somos todos produto de uma cultura que se alimenta de fatos constituídos de uma matéria-prima situacional que se amassa para caber num espaço "em aberto" dentro das disponibilidades idealizadas por um dos processos civilizatórios mais violentos: a construção social; esta, pungente na nossa memória coletiva, enraizada em violências, desejos e medos, desenvolvidas numa reação de autocontrole do prazer humano: o pudor dos naturalmente pervertidos. Que desvio!

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. Amor **Líquido**: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BERRIDGE, K. C. The debate over dopamine's role in reward: the case for incentive salience. **Psychopharmacology**, n. 191, v. 3, p. 391-431, 2007.

DREVIN, Guillaume; ROSSI, Léa-Héléna; FÉREC, Séverine; BRIET, Marie; ABBARA, Chadi. Chemsex/slamsex-related intoxications: A case report involving gamma-hydroxybutyrate (GHB) and 3-methylmethcathinone (3-MMC) and a review of the literature. **Forensic Science International**, v. 321, artigo 110743, fev. 2021.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Reinvenção da intimidade**: políticas do sofrimento cotidiano. São Paulo: Ubu, 2017.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução M.T. C. Albuquerque e J. A G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. **O mal-estar na civilização**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics. Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund (1856-1939). **Obras completas, volume 16**: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund (1856-1939). **Obras completas, volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexua-lidade, análise fragmentária de uma histeria (*O caso Dora") e outros textos (1901-1905). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GREEN, A. R., & Nutt, D. J. Pharmacology of MDMA and related drugs. **Neuropharmacology**, n. 87, p. 68-79, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOCKENHULL, Joanna; MURPHY, Kevin G.; PATERSON, Sue. An observed rise in γ-hydroxybutyrate-associated deaths in London: Evidence to suggest a possible link with concomitant rise in chemsex. **Forensic Science Internationa**l, v. 270, p. 93–97, 2016.

hooks, bell. **Tudo Sobre o Amor**: Novas Perspectivas. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

KAFKA, M. P. Hypersexual disorder: A proposed diagnosis for DSM-V. **Archives of Sexual Behavior**, n. 39, v. 2, p. 377-400, 2010.

KOOB, G. F., & Volkow, N. D. Neurobiology of addiction: a neurocircuitry analysis. **The Lancet Psychiatry**, n. 3, v. 8, p. 760-773, 2016.

LEMBKE, Anna. **Nação Dopamina**: Por que o excesso de prazer está nos deixando infelizes e o que podemos fazer para mudar. Tradução de André Fontenelle. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

MESTON, C. M., & Buss, D. M. Why humans have sex. **Archives of Sexual Behavior**, n. 36, v. 4, p. 477-507, 2007.

ROBBINS, T. W., & Everitt, B. J. Limbic-striatal memory systems and drug addiction. **Neurobiology of Learning and Memory**, v. 78, n. 3, p. 625-636, 2002.

WISE, R. A. Dopamine, learning and motivation. **Nature Reviews Neuroscience**, n. 5, v. 6, p. 483-494, 2004.

WEBBIOGRAFIA

“Ainda é um tabu.” Denúncias de homens vítimas de abuso sexual aumentam em 2023, Diário de Notícias. Disponível em: https://www.dn.pt/3346852209/ainda-e-um-tabu-denuncias-de-homens-vitimas-de- abuso-sexual-aumentam-em-2023/. Acesso em: 15 set. 2024.

Quebrar o Silêncio, Associação Portuguesa que presta apoio especializado a homens e rapazes sobreviventes de violência e abuso sexual. Disponível em: https://www.quebrarosilencio.pt. Acesso em: 15 set. 2024.

Terá Sido Abuso? Guia para homens que têm sexo com homens, Quebrando o Silêncio, 2022. Disponível em: https://www.quebrarosilencio.pt/wp-content/uploads/2023/06/GUIA_HSH_WEB.pdf. Acesso em: 14 jul. 2024.

Mais de 120 homens denunciaram terem sido abusados sexualmente em 2023, **TVI Player**. Disponível em: https://tviplayer.iol.pt/programa/tvijornal/63ef5eb50cf2665294d5f87a/video/65a938310cf265bc9692b700. Acesso em: 25 ago. 2024.

Memórias de Infância. **Jornal O Povo**, 15 de junho de 2021. Documento digitalizado em: https://bf986fcb7b034448a8bb2017b5604fc7.filesusr.com/ugd/76d616_b46794f10b31498599c0f3a5a1359c08.pdf. Acesso em: 13 ago. 2024.

Tiago foi vítima de abuso sexual durante 12 anos. "Tomei consciência de que não era normal no dia em que ele me masturbou". **CNN Portugal**. Disponível em: https://cnnportugal.iol.pt/abuso-sexual/homem/tiago-foi-vitima-de-abuso-sexual-durante-12-anos-tomei-consciencia-de-que-nao-era-normal-no-dia-em-que-ele-me-masturbou/20240118/65a151d2d34e65afa2f99782. Acesso em: 24 ago. 2024.

Homens e meninos também sofrem abuso sexual. Eles estão aprendendo a pedir ajuda. **Jornal El País Brasil**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-23/homens-e-meninos-tambem-sofrem-abuso-sexual-eles-estao-aprendendo-a-pedir-ajuda.html. Acesso em: 13 jul. 2024.

Depoimento Carlos Jorge | Vítima de Abuso Sexual, Canal YouTube Ministério Público do Alagoas, Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ifRbDrwKUFY. Acesso em: 27 set. 2024.

'Bebê Rena': a história real de perseguição e abuso sexual que inspirou série da Netflix. **Portal de Notícias BBC News Brasil**. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/ce9rzyz8d4vo. Acesso em: 29 set. 2024.

MASTRANGELO, Gabriel. **Divino Amor**. Direção: Gabriel Mascaro. Produção: Desvia, 2019. 100 min. Filme.

WILLIAMS, Richard Gadd. **Baby Reindeer, episódio 5**: Direção: Jonathan Watson. Produção: Netflix, 2023. Série (1ª temporada).

piepshow_berlin, Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/piepshow_berlin/. Acesso em: 2 out. 2024.

Kitkatclub.oficial, Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/kitkatclub.official/. Acesso em: 2 out. 2024.

Recebido em: 21/05/2025
Aceito em: 10/07/2025